

**DECADÊNCIA
A
DA
MENTIRA**

E OUTROS ENSAIOS

OSCAR WILDE

A

DECADÊNCIA
DA

MENTIRA

E OUTROS ENSAIOS

Tradução
João do Rio



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Intentions

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Texto
Oscar Wilde

Revisão
Ciro Araujo

Tradução e apresentação
João do Rio

Diagramação
Fernando Laino Editora

Preparação
Agnaldo Alves

Imagens
Michael Hinkle/shutterstock.com;
Huseynli/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

W671d Wilde, Oscar

A decadência da mentira e outros ensaios / Oscar Wilde ; traduzido
por João do Rio. - Jandira, SP : Principis, 2020.
176 p. ; 15,5cm ; 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: Intentions
ISBN: 978-65-5552-248-8

1. Literatura irlandesa. 2. Ensaio. I. Rio, João do. II. Título. III. Série.

2020-2964

CDD 891.62

CDU 821.111(417)-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura irlandesa 891.62
2. Literatura irlandesa 821.111(417)-31

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Aos editores	7
Nota do tradutor	19
A decadência da mentira	21
Pena, lápis e veneno	55
A crítica e a arte.....	76
A verdade das máscaras.....	149

Aos editores

Venho agora de percorrer Veneza. São onze horas da noite. Faz um tempo delicioso neste começo de primavera, em que o tempo, segundo os venezianos, anda enamorado. Tão bem me sinto e tão possuído pela esparsa sedução das coisas que não tomei um dos *vaporetti* rápidos e banais, mas vim de gôndola, com um único *barcaiulo*, silencioso e velho, à popa do negro esquife sugestionador. E, ao entrar nos meus aposentos do Lido, depois de uma interminável viagem, dando as costas a Veneza e encarando o bramir do Adriático liberto e feroz, dou com as provas das *Intenções*¹ sobre a mesa de trabalho.

Há quanto tempo andam essas provas comigo, à espera de um prefácio! Lembra-me bem o trecho da vossa carta: “Desde que o seu desejo e o nosso é divulgar as obras do Grande Poeta em língua portuguesa, desde que a comum vontade é tornar bem conhecido Wilde, achamos de absoluta necessidade um prefácio do tradutor. Wilde é tão mal conhecido...”

A princípio não vos dei razão, preso do temor de não poder dizer as coisas magníficas que deviam ser ditas em se tratando do maior poeta moderno, de gênio inquieto e prestigioso. Quando um homem não faz profissão de tradutor – o traduzir uma obra única significa bem a admiração absoluta. Quando esse homem não é propriamente um cretino e dá provas de saber, de compreender a beleza, a sua admiração basta para indicar ao público o trabalho de incomparável destaque. Para que um prefácio e principalmente às *Intenções*, que são como o prefácio da obra de Vida e de Beleza de Wilde? Ao traduzir a prodigiosa *Salomé* – que o público amou e da qual alguns pobres homens sem espírito falaram felizmente mal – eu

¹ Originalmente este volume foi publicado com este título. (N.E.)

me limitara a algumas notas biográficas, um esqueleto cronológico. Ao traduzir *Intenções*, jamais me acudira a possibilidade de interpretar em meia dúzia de páginas a arte, o poder sugestivo, a fascinação assombrosa do gênio irlandês. Para que um prefácio? Vi, porém, que o vosso desejo persistia, e tristemente comecei a ler não os livros que a respeito do Poeta têm sido escritos, mas os prefácios, os lamentáveis prefácios que as inúmeras traduções das suas obras fazem escrevinhar publicistas da França, da Itália, de outros países.

Ah! Para compreender o trivialismo, a vacuidade, a estreiteza de sentir, a fúria do escândalo vulgar desta época de *parvenus*, de filisteus, de arrogante burguesia, de nulificação estética – basta meditar sobre os prefácios, sobre a ignomínia desses editores que, quando não falsificam inteiramente, procuram vender uma obra casta e imortal, recorrendo a lembranças de um escândalo, e entrando em detalhes da vida de Wilde torpemente inverossímeis!

Oscar Wilde, como todo gênio, foi um predestinado. O Destino, na sua misteriosa e divina sapiência, acendeu-lhe em tomo não só a candelária do triunfo, como a atenção invejosa do vulgar. Aos vinte anos era um extraordinário poeta. Saía de Oxford com a coroa de ouro. Aclamaram-no e invejaram-no logo, dizendo que esse homem magnífico copiava os seus versos. Qual o artista verdadeiramente grande, que não tenha sido acusado em primeiro lugar de plagiário? Faltam-nos dados a respeito de Homero. Mas depois de Homero nem um só escapou à sanha feroz dos medíocres. Esse encontro com a insignificância do sentimento ambiente e uma viagem à América completaram-lhe a educação, a formação da alma, de tal forma que, ao contrário de todos os homens suscetíveis de melhorar ou piorar de hora em hora – Wilde fixou o seu amor, a beleza, à sua definitiva concepção, da vida e das coisas, o curso que teria a sua vida inteira, às obras futuras e à sua melhor obra que era a da sua própria vida. A obra de arte parece sempre um resultado do acaso. Nem Miguel Ângelo, nem Shakespeare, nem Horácio indicaram, num livro somente, os

atos, as preferências, as obras que teriam de realizar. Wilde, ao entrar na vida, no momento mais inquieto da existência humana, adivinhou tudo. Um espírito perverso parece ter-lhe mostrado as tábuas do Destino. Ele viu, sorriu, não tremeu, e veio dar ao mundo uma nova e perturbadora forma de compreender. E o livro que enfeixa o segredo extraordinário, livro escrito aos vinte e três anos, antes de qualquer outra obra, o livro biografia *a priori*, o livro que diz todo Wilde desde a mocidade até a morte obscura numa obscura rua de Paris é: – *Intenções*.

Só o prodígio de dizer em plena juventude o que será na continuação da vida; só a certeza dessa concepção nova da existência, definitiva numa idade em que se começa a negar o que nos satisfaz; só o poder de sedução dessa biografia de uma alma – poder de sedução enorme, porque a influência de Wilde é cada vez maior e nos melhores escritores das mais diversas escolas vivem e cintilam ideias suas; só esse livro vale uma época literária. É o mais estranho livro da arte humana.

Mas no momento do seu aparecimento não o compreenderam assim. *Intenções* fez o seu autor entrar em plena apoteose. Os salões disputaram-no. Wilde era um reformador da estética. Aquelas ideias de compreender as coisas pelo lado até então não compreendido, de fazer o paradoxo inebriante, de fazer a natureza serva da arte, agradavam ao momento esnobe. Wilde era rico; podia realizar o sonho que depende da fortuna. Wilde era original; nunca cometia um ato que fosse vulgar. Wilde era um prestigioso prosador. A sua conversa era um sonho oriental e ele conversava sempre como se escrevesse frases maravilhosas. O seu prestígio de arte, o seu poder sedutor faziam-no de tal forma senhor que, em Paris, os maiores escritores franceses, que são os melhores e também os mais egoístas do universo, sentiram a prisão dessa palestra maravilhosa. Contamos Stuart Merrill que a admiração o envolvia; diz-nos Henri de Regnier, num retrato em que se acentua a bondosa serenidade de Wilde diante do elogio e a maneira por que vivia disputado pelos grandes artistas, que uma senhora, ao ouvir falar Wilde, viu a aureolar-lhe a fronte um halo de

luz; e um outro artista considerava a sua palestra mais bela e rica que a do próprio Stéphane Mallarmé. A cultura dessa atitude única, de fazer uma vida admirável, obstava-o de trabalhar muito. Escrevia rapidamente para ir conversar. E assim escreveu, em menos de trinta dias, o extraordinário livro que é *O retrato de Dorian Gray*. E assim escreveu as suas comédias. E assim escreveu os seus poemas. Um momento, em Londres, os seus livros vendiam-se aos milhares, três teatros representavam ao mesmo tempo trabalhos da sua lavra; e a sociedade refinada ouvia as suas frases como decretos, enquanto Paris o admirava. Wilde era alto e amplo, com uma face de imperador romano. Vestia com elegância magistral; fumava constantemente cigarros egípcios ponta de ouro – porque o cigarro é o único prazer que não satisfaz, e querendo parecer com o busto de Nero no Louvre, usava uma bengala de turquesa, escrevia numa mesa que pertencera a Carlyle, e nos salões irradiava sonhos falando vagorosamente coisas magníficas.

Quem, ao ler *Intenções*, poderia imaginar nesse livro mais que a atitude inicial de um espírito paradoxal? Stuart Merrill diz de tal obra: – Livro impertinente e paradoxal no qual o autor se divertia em inverter os aforismos preferidos da burguesia...

E, entretanto, *Intenções* é o resumo de toda obra futura de Wilde, da sua concepção da vida e principalmente da sua existência. Ainda agora, enquanto sob o luar infinito, sob o céu baixo do Adriático, o oceano esbraveja temeroso, releio as provas que me mandastes há tanto tempo. E em primeiro lugar a teoria da arte individual. Muitas das frases desse diálogo são repetidas quase inconscientemente através da sua obra. Que diz ele?

– Não há senão um pecado: a estupidez. A vida imita melhor a arte que a arte a vida.

E noutro lugar, ao acaso?

– Uma obra de arte é o resultado especial de um temperamento único.

Mas aí, Wilde assegura que a vida é a cópia, a sugestionada dos grandes artistas, porque principalmente quando escrevia tais coisas, além dos

exemplos fartos e sedutores, ele tinha o exemplo da sua vida que era feita segundo a sua arte. Logo adiante há o estudo de curioso envenenador, sob o título: *Pena, lápis e veneno*. Nunca um escritor paradoxal tomou da pena no início da sua carreira com uma tão profunda consciência do desastre final. Esse envenenador pintava, escrevia, conversava esplendidamente, era recebido pela melhor sociedade e era ladrão e era envenenador. Wilde trata-o com uma simpatia assustadora. Era a sua vida, o terror da fatalidade! Nesse estudo, só lhe merecem censura as provas de cinismo, que nunca teve, de cinismo estúpido. E, se há nele breves frases desenvolvidas depois do terrível processo que o matou, no livro póstumo *De profundis*, há também uma nota dolorosíssima e verdadeira infelizmente.

– A sociedade esquece frequentemente o criminoso, mas não esquece o sonhador.

E em todo livro, na teoria da crítica, essa obra de forma grega, no seu divino amor pela juventude, no imprevisto da frase, na fé cega da força da ilusão que é o magnífico estudo sobre a *Verdade das máscaras*, na crença pura na Inteligência, e nessa forma inquietante e inquieta, que sugere tantas coisas não ditas, está o Wilde dos diálogos perversos das comédias, está o Wilde tríplice que aparecerá no *Dorian Gray*, está o Wilde carregado de gemas e de imagens da *Salomé*, está o amoroso da beleza e da juventude dos poemas, está mesmo o pobre Wilde do *De profundis*. Imaginastes alguma vez uma vida artística que começasse pela afirmação de *Intenções*, que as realizasse e que enfim terminasse por um *De profundis*? A obra de Wilde é mesmo uma vasta explicação, um fascinante comentário à sua extraordinária vida, que copiou a arte e foi como um poema. Ele a explicou em livros, como explicava as ideias originais em contos, parábolas. De resto, os gênios participam do poder divinatório dos deuses. Wilde sabia até quantos anos tinha de felicidade, e por isso usava dois anéis: um que atraía a sorte, outro que chamava a desgraça. Ela veio mesmo porque ele o quis, como para fazer ponto final à inquietação perpétua que o possuía. Sabem todos mais ou menos o grotesco, o trágico, o lastimável

processo. A sociedade inglesa – e para ter a certeza disso basta um mês em Londres –, composta de seres fisicamente fortes e belos, tem, como direi?, uma herança muito mais intensa do prazer carnal da Grécia e de Roma que qualquer país latino. Apenas enquanto os latinos exibem prováveis possibilidades de vício, o inglês tem a aparência do respeito e se encolhe numa brutal hipocrisia. No momento em que Wilde chegava ao fastígio da fama, a corrupção andava de tal forma a alastrar-se que essa mesma hipocrisia conservadora ameaçava ruir. Muita gente falava abertamente e não no seu quarto, com os termos que Platão empresta a Alcebiades. Um velho idiota, bastante original, para, por vingança, perder no conceito da moral a família, acusou de perverter o seu próprio filho a Wilde, artista magnífico, casado com uma mulher que o amava, pai de dois filhos belos. – Esse filho era lorde Douglas, poeta, maior de vinte e um anos... Wilde podia não responder. Mas respondeu citando o velho delirante perante o tribunal por crime de calúnia. E não se defendeu. Ao contrário. Respondeu ao interrogatório tecendo paradoxos, destilando frases de sentido perigoso. Imediatamente, o ódio inconsciente, tanto tempo reprimido da turba contemporânea pelo artista, rebentou. Os amigos, os raros, aconselharam a Wilde a fugir, vendo bem o fim da comédia. Ele porém insistiu. Queria o fim e procurou-o como a solução de um drama. E o mundo viu o esplendor subitamente afundado em sombra, o homem magnífico acordar num leito de prata para descer ao cárcere, o admirado, obedecido, horas antes, vestido com as roupas dos galés e cuspidos pelos ignorantes e os vis, o incomparável que se lavava em essências raras, obrigado a chafurdar num tanque com mais nove sujeitos criminosos vulgares; as mãos que tinham composto frases mais belas do que joias, crispadas e em sangue a desfiar cordas alcatroadas; e aquele ser excepcional, cuja cabeça guardava todo o sonho da renascença, preso ao suplício da roda...

Ninguém ignora por que o tribunal condenou Wilde. “Foi para dar um exemplo, para reprimir os abusos com o castigo exemplar numa individualidade culminante.” Essas frases ouvi-as eu muitas vezes em Londres;

e dava-me um grande medo de pensar que seria de Miguel Ângelo se os tribunais de Itália tivessem pensado do mesmo modo. Mas, de fato, esse tribunal, expoente de um povo, sem ideias vagas e sem idealismo não condenou o caso – que múltíplice e horrído corre as ruas de Londres; condenou sim o idealista, o autor das frases que desmanchavam conceitos antigos, o revelador de um estado inexplicável da mentalidade atual, o maravilhoso ilusionista – que pelos ingleses tinha um desprezo absoluto. Não foi um crime vulgar e estúpido. Foi o autor de uma obra, extraordinariamente casta, onde não há um termo grosseiro, onde não há uma expressão bruta; mas que é de uma sensualidade inebriante e de uma perversidade sugestionadora incrível. Sem aconselhar, sem contar uma só torpeza, Wilde infiltra em cada cérebro um infinito desejo de beleza e a revolta calma, a derrubada radical da velha moral. Foi o escritor, e não o amigo de lord Douglas, o condenado.

Wilde, entretanto, realizara o incêndio da sua vida.

Não se matou – porque condenava o suicídio e, no dizer de Spinoza, o pesar é passagem para a perfeição. Mas acabou com a *Balada do C 33* e com o *De profundis*. Neste livro Wilde escreve:

– A Moral não me socorre. Nasci para a exceção e não para a regra. A Religião para nada me serve. Os meus deuses habitam templos construídos pelas mãos dos homens... Só é espiritual o que cria a sua própria forma. A Razão nada me adianta, porque me diz que as leis que me condenaram são más e injustas como é mau e injusto o sistema que me faz sofrer.

E a André Gide, ao sair da prisão, dizia:

– A minha vida é uma obra de arte. Um artista não recomeça duas vezes a mesma coisa ou, se a recomeça, é um falho. A minha vida antes da condenação foi, quanto possível, perfeita. Agora é uma coisa completa. Mas teria um país o direito de ir ao encontro do poeta, realizando o crime de condená-lo, só porque incapaz de compreender a sua obra? Não fizeram outra coisa os bárbaros que sucessivamente entraram em Roma, quebrando mármores, esfarelado mosaicos, torcendo bronzes,

desvendando túmulos. E essa obra era de fato mais perversa que qualquer outra grande obra? Não. Toda grande obra plástica é uma perversão do sentimento geral porque o modifica melhorando-o. Não foi Leonardo um perverso criando um sorriso e um olhar que dizem coisas infinitas? Há nada de mais perverso que o Perseu de Benvenuto? O reler uma biblioteca de várias épocas seria uma lição da perversão que melhora e sugere outros estados de alma. O percorrer as galerias de arte é sentir palpável a perversão fazendo nascer outras ideias e outros prismas da vida. Quando porém o artista é gênio, como Shakespeare, como Fídias, como Cellini, como Botticelli, como Buonarroti, como Murillo, como Goya, como Balzac, a sua obra eternamente age através das épocas, modificando temperamentos, sistemas de moral, pervertendo o atual num sonho de melhor, e sempre com prismas novos e novos aspectos. Wilde era dessa embateria limitada.

Por isso talvez e por ser ele grande demais, senti-me acabrunhado ao pensar no prefácio a uma obra fundamental como *Intenções*. Em Londres, onde já agora de novo mostram-lhe os volumes, foi-me impossível escrever uma linha. Em Roma, onde contava com a sugestão ambiente, veio-me maior a certeza de não poder. Em Paris, apesar de ir frequentemente aos lugares por onde passara a grande obra de arte, fui incapaz também. E assim em Nápoles, onde os repórteres contam tantas mentiras de Wilde, e assim na Côte d'Azur, onde não poderia sentir Wilde, e assim em Florença, e assim em Constantinopla – nesse nomadismo a que certos temperamentos não se podem furtar – porque o nomadismo é uma triste doença de arte e de curiosidade.

Há pouco porém, no cais Schiavone, ao olhar o Danielli, onde se albergava Wilde, depois de passar pelo Florio, que como no fastígio de Wilde serve sorvetes deliciosos, e quando cortando a onda muda, a gôndola partiu, senti que em nenhuma outra cidade poderia falar de Wilde. Oh! a semelhança das coisas com os seres vivos! Se quiséssemos compreender o gênio complexo de Wilde, a sua ousadia, o seu paradoxo, os seus vícios, o seu amor pela beleza, pela juventude, pelo imprevisto, o seu gozo de

luxo, a sua crença pesada de todas as crenças do mundo, a sua amoralidade – esse barroco portentoso da obra que de tudo quanto é belo tem, e a sua ondeante alma inquieta em torno da ideia de pedra, bastaria pensar em Veneza e recordar a cidade incomparável feita de mármore e água. Sim. Veneza. A Veneza conquistada ao mar por um bando confuso de homens fugidos de vários pontos da península a soçobrar na barbaria e no delírio do sangue; a Veneza forte das conquistas pelo Adriático abaixo e para além, à frente, até Constantinopla; a Veneza dos mercadores guerreiros, que se batiam não só para vencer mas para enriquecer; a Veneza filha espiritual de Roma-Império construída desde o início de vários povos, dos despojos de muitas cidades, feita de assombros como o marco do Ocidente, à beira do Oriente; de Veneza a Dominante dos cortejos triunfais, dos doges do conselho dos quinhentos, do mistério, do fausto, das procissões, dos fogos de vistas à luz do sol e das cortesãs sagradas vestidas de tecido de ouro e envolvidas em pérolas; a Veneza dos fidalgos artistas e dos torneios a que Petrarca assistia, das academias preciosas e da alegria embriagadora; a Veneza que se fazia como um sonho fabuloso, que se organizava obra de arte única no mundo, com o êxtase da sua laguna, o segredo dos pequenos rios, o cenário de legenda do canal grande; a Veneza das prisões que Napoleão não compreendia, da ponte dos suspiros, onde os rapazes descobriam países, aos vinte anos, onde as mulheres sabiam amar, onde a magnificência pasmava o mundo; a Veneza pátria das máscaras, onde a máscara foi a veste do rosto, pátria do Carnaval, esposa do oceano, alalá dionísico da vida; a Veneza das rendas feitas de espuma e dos cristais feitos da transparência luminosa das águas que envolvem a velha e sempiterna Murano; a Veneza que fez a miniatura, deu-nos o sonho delirante de Tiepolo, o esplendor do Ticiano e o palácio de rendas, onde habitava o doge, e S. Marcos – S. Marcos congestão do sonho universal através das épocas, que, começado em 829 sendo doge João Participacio, à volta de Malamoco e Torcello, de Alexandria, se fez de todos os estilos, do gótico e do bizantino, do sarraceno e do grego, dos cilícios cristãos e do gozo